

# RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA INFANTIL EM “PIXAIM” E A *COR DA TERNURA*

Dione Ribeiro Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (PIBIC/CNPq)  
Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Rosilda Alves Bezerra

## **Introdução**

A literatura contemporânea possibilitou à abertura de novos horizontes no meio literário em que se encontra inserida o recorte temático afro-brasileiro, tema atualmente enfatizado no espaço acadêmico, e que também tornou fonte de discussões e debates no meio político através de aprovação e implantação de Políticas Públicas Afirmativas com o propósito de incorporar na Educação Básica brasileira, questões mais condizentes ao ensino de História, Cultura e Literatura africana e afro-brasileira relacionada ao negro e seus descendentes.

Para Duarte (2005, p. 114), “desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido.” No tocante a questão levantada acima pelo autor, as atuais pesquisas na linha da literatura africana e afro-brasileira estão se voltando para a visibilização dos trabalhos literários, culturais e identitários das personagens negras.

Nesse sentido, um dos pontos de partida para o reconhecimento e valorização da produção cultural afro-brasileira surgiu a partir da Lei Federal 10.639/03, que estabeleceu a obrigatoriedade no ensino, tanto público quanto particular da história em que os negros estão envolvidos desde a colonização até os dias atuais, de modo positivo e consciente da diversidade que constitui a sociedade brasileira.

Essa lei abriu as portas para as devidas discussões em todos os espaços escolares, para em seguida, ceder espaço para mais uma lei a 11.645/08, em que, além de dar ênfase a primeira, também abrange o ensino das Culturas e Línguas indígenas, tornando-as obrigatório sua inserção nos currículos dos bancos escolares. Tais leis partiram de influências e iniciativas ligadas ao grupo representado pelo Movimento Negro, já atuante nessas questões inter-raciais que vinham ocorrendo globalmente no mundo.

A abrangência possibilitou a produção e publicação de muitos trabalhos e obras de autores e escritores afro-brasileiros, que antes viviam à margem do cânone literário brasileiro. Esses escritores em suas obras e trabalhos levantam questões e problemas relacionados aos

negros e afrodescendentes, devido a preconceitos e discriminações herdados da escravidão colonial e conservados no seio da elite brasileira atuante.

Essa discussão leva em conta preceitos e atitudes impostos pela sociedade como forma de realçar tais comportamentos, que nesse caso, atinge diretamente a população negra, causando diversos enfrentamentos, em termos identitários, igualdade e valorização do ser negro. Como consequência disso, há vários confrontos de identidades em que a pessoa negra tenta ser vista e aceita pelo resto da sociedade.

É com base nas concepções teóricas sobre a identidade negra e sua valorização social que este trabalho analisará o conto “Pixaim” de Cristiane Sobral e o romance *A cor da ternura* de Geni Guimarães, que mostram questões relacionadas à afirmação da identidade negra e afro-brasileira. O principal objetivo desse estudo é mostrar de que forma a criança negra é destacada nas duas narrativas, no que diz respeito à construção da sua identidade, valorização da cultura e respeito à ancestralidade. Com isso, investigaremos como é exposta a valorização da identidade negra na criança como protagonista da própria história, elo fundamental na conservação e condução das raízes ancestrais.

A tessitura deste trabalho tem como apoio teórico os estudos de Cuti (2010), Santos (2005), Munanga (2008), Fonseca (2010), Gomes (2006) e Duarte (2005), que defendem a ideia de afirmação e valorização do negro na sociedade de modo igualitário.

### **“Pixaim”: a criança negra e sua construção identitária**

Cristiane Sobral Corrêa Jesus é atriz, escritora, arte-educadora e líder do grupo teatral “*Cabeça Feita*”. É autora de vários textos teatrais e atua como professora universitária. É através da linguagem simples, mas muito bem posicionada, que Cristiane Sobral desvenda o ser negro num espaço quase que totalmente adverso às características culturais e históricas da negritude africana dentro da sociedade brasileira.

A partir da análise dos textos foi possível perceber algumas adversidades enfrentadas pela população afro-brasileira.

Segundo Santos (2005, p. 127) ser negro é uma questão política, e questiona sobre o embranquecimento como processo de aceitação:

[...] Era preciso fazer acreditar que apenas o embranquecimento seria uma solução plausível para negros e brancos, para que os últimos não fossem destruídos pelo enegrecimento e para que os primeiros não sucumbissem à herança nefanda que o destino os reservou: sangue africano.

A autora explica que a política para embranquecer o negro e seus descendentes por meio de estilo adotados pelos brancos e procedimentos estéticos era uma tentativa política de manter o poder da elite no mesmo patamar sem nenhuma alteração no meio social devido à nova situação em que se encontrava a sociedade, encarregada de administrar e direcionar socialmente a crescente leva de novos cidadãos recém-integrados e, que assim, buscavam sua inserção e reconhecimento no mercado de trabalho.

Em “Pixaim” notifica-se uma narrativa, que tenta desmitificar a política do branqueamento, em termos étnico-raciais e em relação às hipocrisias disfarçadas nessa ideologia. Na perspectiva de desconstrução dessa ideologia, Silva (2005, p. 33) expõe o seguinte pensamento:

[...] A desconstrução da ideologia que desumaniza e desqualifica pode contribuir para o processo de reconstrução da identidade étnico/racial e autoestima dos afro-descendentes, passo fundamental para a aquisição dos direitos de cidadania.

A desconstrução da ideologia abre a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças/ etnias, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade. Corrigir o estigma da desigualdade atribuído às diferenças constitui-se em tarefa de todos e já são numerosos os que contribuem para atingir esse objetivo.

Conforme a concepção explicitada, pode ser notado na narrativa do conto “pixaim” que a criança, personagem negra resiste a essa ideologia, que tenta inferiorizar o afro-brasileiro de suas características corporais, pré-estabelecendo padrões estéticos seguidos pelos brancos na sociedade. Entretanto, levando-se em conta outros meios e atitudes, podemos segundo Silva (2005, p.31),

[...] identificar e corrigir a ideologia, ensinar que a diferença pode ser bela, que a diversidade é enriquecedora e não é sinônimo de desigualdade, é um dos passos para a reconstrução da auto-estima, do auto-conceito, da cidadania e da abertura para o acolhimento dos valores das diversas culturas presentes na sociedade.

Esse direcionamento deve começar pela própria família, em que busque o caminho da valorização da identidade negra dentro da sociedade.

Para Sousa (2009) o que ocorre no conto “Pixaim” não deixa de ser uma postura de confronto entre colonizado e colonizador. A imposição de uma cultura branca em detrimento da cultura negra.

É o confronto de duas culturas. A cultura do colonizador em detrimento da cultura do colonizado. A cultura do dominador e a cultura do dominado. É uma relação de poder diante de novos modelos e padrões de beleza branca, eis a difícil situação do negro em assumir o seu próprio padrão estético, considerado pelo branco sinônimo de feiura. Era a tentativa de apagar os valores do outro, com propósito de destruir a identidade racial, e assim negar a existência de uma cultura considerada inferior. (SOUSA, 2009, p. 97)

Desse modo, o conto “Pixaim” esboça um conflito vivido por uma menina negra que possui os cabelos crespos, nisso passa por diversos momentos de opressão e sofrimento causados principalmente pela própria família, que deveria valorizar os próprios traços ancestrais de maneira positiva na memória das crianças, e não com imposição sofridora e angustiante, para uma criança que se encontra em fase de construção e autoafirmação de sua identidade, como podemos observar no fragmento a seguir.

Pela primeira vez foram violentadas as minhas raízes, senti muita dor, e fiquei frágil, mas adquiri também uma estranha capacidade de regeneração e de ter idéias próprias. Eu sabia que não era igual às outras crianças. E que não podia ser tratada da mesma forma. Mas como dizer isso aos outros? Minha mãe me amava muito, é verdade, mas não percebia como lidar com as nossas diferenças (SOBRAL, 2005, p.13).

Nessa ação citada acima, a construção da identidade da criança acabam sendo prejudicada, a ponto de causar sofrimento e opressão para se atingir o propósito pretendido, mesmo que para isso, tenha que negar algumas características da identidade negra, como o cabelo crespo da personagem, que nesse caso, é a causa principal de todo os transtornos enfrentados por ela. Tais ideias possuem “O intuito muito claro de se colocar o cidadão negro à margem da sociedade [...] Cidadão indesejado, cidadão por acaso, por força e vontade branca, o negro deveria resigna-se à sua condição de estranho a civilidade, de outro indesejável” (SANTOS, 2005, p.132).

Cresci muito rapidamente, e para satisfazer aos padrões estéticos não podia mais usar o cabelo redondinho do jeito que eu mais gostava, pois era só lavar e ele ficava todo fofinho, parecendo algodão.  
Uma amiga negra que eu tinha costumava amarrar uma toalha na cabeça, e andar pela casa, fingindo que tinha cabelo liso e dizia que o sonho dela era ter nascido branca. Eu achava estranho. Não percebia como alguém poderia ser algo além daquilo que é. (SOBRAL, 2005, p. 14).

A narrativa coloca em questão os cabelos crespos de uma menina negra que tem que passar por procedimentos de beleza para deixá-lo “bom”, ou seja, de acordo com os padrões impostos pela sociedade, um cabelo liso a qualquer custo, como subsídio crucial de

aceitação/negação pelos parentes, vizinhos e pelo outro, ou seja, a sociedade. Porém, esse impasse coaduna-se ao argumento de Munanga (2009, p. 11),

[...] se o processo de construção de identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados.

Nesse ponto, a identificação e consciência da identidade negra se constituem a partir da diversidade em diferentes ângulos sociais e culturais.

Este incidente deixa explícito que, “[...] o cabelo simboliza a possibilidade do embranquecimento ou o seu impedimento.” (GOMES, 2006, p. 140).

Nesse momento tive a certeza de que mamãe queria me embranquecer! Era a tentativa de extinção do meu valor! Chorei, tentei fugir e fui capturada e premiada com chibatadas de vara de marmelo nos braços.  
(...) Chorei pela última vez e jurei que não choraria mais. Porque era tão difícil me aceitar? Dei adeus aquilo que jamais consegui ser, me despedi silenciosamente da menina obediente, e comecei a me transformar (SOBRAL, 2005, p. 15).

Com essa atitude, a personagem decide resistir e valorizar as características inerentes à identidade negra que incomodam tanta gente, assumindo assim, seu pixaim. Para ela, agora seria uma questão de se afirmar entre os seus, sendo ela mesma, com seus cabelos crespos, ou seja, diferente. Neste caso,

[...] o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude no corpo. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade negra, conquanto construção social, é materializada, corporificada. Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquela que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra (GOMES, 2006, p. 26).

Por outro lado, o que a menina questionava era o fato de todo mundo sentir-se no direito de machucá-la, seja no plano físico ou psicológico, como podemos observar na passagem a seguir:

Todo mundo se sentia no direito de me dar uns tapas, para me corrigir, para o meu bem. Eu era tudo de péssimo, ingrata, desgosto da mãe, má, bruxa. Meus irmãos também colaboravam me chamando de feia, bombril, macaca. Era o fim. Eu já não resistia e comecei a acreditar no que diziam. Todos os dias eram tristes e eu tinha a certeza de que apesar do cabelo circunstancialmente “bom”, eu jamais seria branca. Foi aí que eu tive uma

inesperada luz. Minha mãe queria me embranquecer para que eu sobrevivesse a cruel discriminação de ser o tempo todo rejeitada por ser diferente. Percebi subitamente que ela jamais pensara na dificuldade de ter uma criança negra, mesmo tento casado com um homem negro, porque que ela e meu pai tiveram três filhos mestiços que não demonstravam a menor necessidade de serem negros. Eu era a ovelha mais negra, rebelde por excelência, a mais escura e a que tinha o cabelo “pior”. Às vezes eu acreditava mesmo que o meu nome verdadeiro era “pixaim” (SOBRAL, p. 16).

A narrativa mostra como os padrões estéticos e ideológicos influem na construção da identidade negra. “[...] Para o negro e a negra, o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial.” (GOMES, 2006, p. 26). Para a autora, a construção de identidade negra no Brasil, principalmente no que concerne à rejeição/aceitação do indivíduo foi construído socialmente pelo negro, e isso não ocorreu de modo aleatório, mas existe um conjunto de situações relacionadas às questões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas.

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele. (MARIOSIA *apud* ERIKSON, 1972, p.21).

Neste caso, Cristiane Sobral faz transparecer tais ideias no conto “Pixaim”, expondo as condições que muitos afro-brasileiros são submetidos para serem reconhecidos e aceitos pelo meio social e cultural onde estão inseridos. Dessa forma, a narrativa tenta mostrar como o negro reage e incorpora na sua vida, tais conceitos e padrões de beleza seguidos pela sociedade. A protagonista questiona a própria condição de ser negra, qual o seu significado? Por que não aceitam a sua imagem? Qual principal problema que aflige o outro que não aceita a pessoa negra? Qual o receio do outro em relação à pessoa negra? Enfim, observamos que essas indagações são frequentes, uma vez que a menina não compreende a atitude de várias pessoas em relação à rejeição de sua identidade.

O negro sempre foi para mim o desconhecido, a fantasia, o desejo. Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu só meu. O meu cabelo era a carapaça das minhas idéias, o invólucro dos meus sonhos, a moldura dos meus pensamentos mais coloridos. Foi a partir do meu pixaim que percebi todo um conjunto de posturas que apontavam para a necessidade que a sociedade tinha de me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e opção de vida (SOBRAL, p. 16).

Nessa passagem, a personagem se apresenta consciente e firme da figura do ser negro, assumindo diante de uma sociedade, que tenta a todo custo encobrir sua ascendência negra e, principalmente suas características, como o tipo de cabelo, cor da pele e o estilo de vida que levam e, conseqüentemente finaliza com êxito seu trajeto no desenrolar dos fatos narrados com as seguintes frases. “É uma mulher livre, vencedora de muitas batalhas interiores, que se prepara para a vida lutando para preservar a sua origem, pois sabe que é a única herança verdadeira que possui. Ela aprendeu e jamais esquecerá. A gente só pode ser aquilo que é.” (SOBRAL, p. 17). O que ocorre com a menina negra, é a descoberta de sua própria identidade, construída aos poucos, ou seja, a identidade não é fixa, ela sofre modificações ao longo do tempo.

A respeito da identidade, Hall (2000, p. 107) desenvolve o seguinte argumento:

[...] as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Portanto, a narrativa termina com a narradora reafirmando seu valor e sua resistência aos problemas enfrentados por ser negra, memórias negativas registradas desde o início de sua infância e que serviram de desafios a serem ultrapassados e superados.

### ***A cor da ternura e o processo identitário da criança negra***

A autora de *A cor da ternura* é professora, poeta e escritora de poemas, romances e contos. Como escritora, Geni Guimarães considera a escrita, um meio de expor e extravasar os sentimentos interiorizados de forma combatente para que então atraia novas atitudes entre os seres humanos. Nessas condições ela diz, “Acredito que o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças” (GUIMARÃES, 1989).

Em *A cor da ternura*, a narrativa exterioriza a adversa situação dos afrodescendentes no Brasil. A apresentação desse aspecto desfavorável faz com que,

[...] o negro, apesar de imerso em condições sócio-econômicas e políticas adversas, logrou preservar, reelaborar e sustentar sua cultura e desdobrar a herança africana (...). Assim é que foi possível ao negro, coletivamente e individualmente falando, recriar e restabelecer, no Brasil, sua identidade humana (FRANCISCO, 2006, p. 143).

Com essa inferência realçada através da narrativa a escritora tenta alertar o leitor sobre as questões étnico-racial presente no país, inferindo dessa maneira, a luta e a resistência de uma menina negra pobre no seu cotidiano, tendo de enfrentar dúvidas, incertezas e o preconceito de outras crianças dentro da comunidade onde reside, obstáculo maior a ser realçado na escola pela personagem, em que o “doce da garapa torna o amargo fel” da vida por ser negra vista como diferente dos outros. Por essa razão, Francisco (2006, p.144) defende que,

[...] implica reconhecer a existência da cultura negra e, por isso, compreender as ações e o sentido das ações do negro brasileiro, na construção de sua identidade, afirmação política e resistência que o revelam como sujeito social e histórico.

Na reconstrução desse processo histórico e cultural, o Brasil tem desencadeado muitas barreiras que dificulta a ascensão dos afrodescendentes no meio social, econômico e político. Nesse sentido, Fonseca explica que,

[...] é pertinente observar que, em decorrência do modo como a sociedade brasileira lidou com a questão escravocrata, as imagens de negro e de negrura continuam a ser modeladas por uma gama imensa de preconceitos que podem ser percebidos em diferentes lugares sociais ainda que, muitas vezes, encobertos por eufemismos que contornam o fato de o país haver decidido ver-se, particularmente a partir da metade do século XX, como mestiço e a reconhecer a pluralidade étnica de sua população (FONSECA, 2006, p. 92).

Nesse enfoque registrado pela autora acima, as narrativas de *A cor da ternura* e do conto “Pixaim” buscam a objetividade surpreendente de fatos e acontecimentos conflitantes e superações da personagem, desconstruindo o silenciamento e a invisibilidade imposta aos negros na sociedade. “Nesse processo, a cor da pele incentiva a produção de um tipo de discurso maleável sobre o indivíduo, através do qual ele é reconhecido, identificado e silenciado. Essa questão tem, todavia, particularidades bastantes complexas” (FONSECA, 2006, p. 92). Ela ainda acrescenta que, “Essa visão, que aprisiona o negro em estereótipos construídos segundo os modos como a sociedade lida com os descendentes de escravos, perpassa também olhares que, querendo-se críticos, endossam os valores defendidos pela sociedade [...]” (FONSECA, 2006, p.94)

Geni Guimarães entrelaça no decorrer da narrativa realidade e ficção através de fatos correntes no mundo.

[...] Com ela vieram a Cecília, com o Zezinho no colo, a Cema, a Iraci, a Arminda, o Dirceu e meu pai, ainda com o machado de cortar lenha na mão. Todos se acomodaram ao meu redor. Uns sentados na cama, outros ajoelhados em qualquer espaço livre. Ficaram me olhando comer, felizes, sem a menor discricção de silêncio, no exagero da vigília. Todos riram alto, porque o tempo era de riso. Ri também e, aproveitando o momento de desprendimento, pousei a cabeça no colo da minha mãe (GUIMARÃES, p. 26-27).

Em *A cor da ternura*, a autora constrói o relacionamento social, expondo o respeito entre os familiares de forma que a identidade afrodescendente é observada positivamente. Neste caso, a criança é destacada como seguidora de ensinamentos e preceitos que vai de acordo com a identidade negra e o respeito às raízes ancestrais.

Para Mariosa, a identidade infantil é construída na infância a partir de referências mutáveis ao longo de seu desenvolvimento cognitivo e psicológico, isso pode tanto ocorrer de modo favorável ou não para a formação da identidade dela. Ou seja, “A construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história. Sejam positivos ou negativos.” (MARIOSA, 2011, p, 46).

Nessas circunstâncias a apreensão da identidade da criança se dar em consequência de um processo interacional individual e coletivo “de reconhecimento da identidade”. Isso quer dizer que nesse processo acontecerá várias mudanças de personalidades que vai depender de construções de conceitos e concepções positivas ou negativas na sociabilidade dela com outras pessoas. Subtende-se também que,

Se a identidade étnica não é entendida como essencial, é preciso concebê-la como um processo, afetado pela história e pelas circunstâncias contemporâneas e tanto pela dinâmica local quanto pela global. A identidade étnica pode ser considerada como um recurso cujo poder depende do contexto nacional ou regional. Ela é, portanto, uma história sem fim. (SANSONE, 2003, p. 12).

Sansone reforça tal argumento, ao explicitar que “O caso do Brasil demonstra com muita ênfase que a identidade étnica é um construto social de caráter contingente e que difere de um contexto para outro.” (SANSONE, p.12). Com base nessa ideia, observou-se nas duas narrativas uma reconstrução identitária que traz uma organização em torno da vida da protagonista, e que mais uma vez retoma o pensamento de Stuart Hall, que afirma serem as identidades invocadoras de um passado histórico:

(...) As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (HALL, 2000, p. 108).

Por esse lado, tanto o enredo do conto “pixaim” quanto o da *cor da ternura* enfatizam formas de afirmação e valorização, princípios construtivos inerentes à identidade negra. No entanto, há também exposto entre as duas narrativas, características de submissão e passividade, vestígios da colonização escravocrata. Como acontece nas recomendações da mãe quando vai começar a frequentar a escola da colônia. “– Não briga com o Flávio no caminho que depois o pai dele conta pro Mariano. A corda rebenta do lado mais fraco e seu pai não gosta de ser chamado à atenção”. (GUIMARÃES, 1994, p.52).

Geni, a protagonista da história, demonstra perceber desde muito cedo, existir certa diferença entre sua cor e a das outras pessoas de cor branca.

— Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?  
 — Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? – Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: - Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta...  
 Repentinamente paramos o riso e a brincadeira. Pairou entre nós um silêncio esquisito.  
 Achei que ela estava triste, então falei:  
 — Mentira, boba. Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá? (GUIMARÃES, 1994, p.10)

Essa concepção inicialmente apreendida por Geni sobre sua cor, vai se tornar mais evidente nos seus primeiros anos escolares, com o enfrentamento de olhares e situações discriminatórias e preconceituosas dentro da sala de aula.

A personagem Geni vive uma fase que ainda está sendo amamentada pela mãe, pois é nos braços dela que obtém todo aconchego e amor que precisa para ser feliz sem ter que se preocupar com outros detalhes naquele momento.

Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia. Colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava em pé.  
 Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão dos seus braços. (GUIMARÃES, 1994, p.9).

Até aí, as atenções eram todas voltadas para ela, a caçula. Esse ambiente favorável, acolhedor e amoroso para uma criança com tamanha esperteza e inteligência, também deixará subtendido algumas incompreensões por parte de sua família, no que diz respeito a seus questionamentos.

Depois da chegada do irmãozinho, Geni descobre que tem que aprender a dividir as atenções, até então eram só suas e, também o amor da mãe com ele, ao se deparar com essa situação, acaba se sentindo um pouco rejeitada pela sua família. “O dia se arrastava e eu ali, esquecida. Ninguém lembrou que eu poderia sentir fome ou sede. Nem eu” (GUIMARÃES, p. 20).

[...] Os restos do tempo eram dados a mim, que não dava trabalho. Comida depois, banho depois. Tudo depois de tudo.  
 — Você é mocinha, pode esperar pra tomar banho.  
 — Você é grandinha, espera um pouco pra almoçar.  
 Por desaforo, deixei de ter desejos e fome. Só tinha vontade de dormir. Comecei a sentir frio a qualquer hora do dia e da noite. Frio se chovesse. Frio se fizesse calor. Em qualquer circunstância, frio (GUIMARÃES, p. 23-24).

Dessa forma, a personagem se distancia um pouco de todos e procura se inserir num novo contexto para poder se adaptar a essa nova condição de vida, criando um mundo imaginário, onde se comunica e se relaciona com os animais, projetando um mundo só seu e para si, como meio de substituir a falta da mãe e a saudade de seu carinho e suas atenções.

Quando eu perguntava de que cor era o céu, me respondiam o óbvio: bonito, grande, azul etc. Não entendiam que eu queria saber do céu de dentro. Eu queria a polpa, que a casca era visível. Por isso foi que resolvi manter contato com as pessoas só em casos de extrema necessidade.  
 Ao contrário dos seres humanos, os animais se mostraram amigos e coerentes. Aprendi a falar com eles. Imitava todo e qualquer pássaro da região. Tirava de letra todas as mensagens dos cães, gatos, cavalos, formigas, baratas etc. Quando para rir eu imitava as coleirinhas, para negar alguma coisa, latia, ou para pedir, miava, as pessoas começaram a me olhar torto (GUIMARÃES, p. 35).

A partir daí, a esperteza e o poder imaginativo da personagem se destaca nas façanhas e artimanhas em busca de novas aventuras para sair da monotonia em que estava vivendo porque ninguém a compreendia realmente.

Mas eu já não estava só. Com meu bicho-de-pé mantive diálogos longos. Para ele passava minhas tristezas e alegrias. Havia um fio interno que levava meu pensamento até sua casinha, na curva do dedo do pé. Daí vinha umacoceira gostosa, trazendo-me respostas, consolos. Nossos pensamentos se cruzavam rindo ou chorando [...]. (GUIMARÃES, 1994, p.37)

Enquanto essa narrativa nos mostra um ambiente acolhedor, afetuoso e religioso que favorece a formação da identidade negra pela criança. Há em contrapartida, o desconhecimento por parte da menina da história de quem foram seus antecessores, que só conhecia um pouco através da versão contada pela Vó Rosária, versão favorável do ponto de vista da personagem.

A verdade é que, quando a Vó Rosária – assim a chamávamos – chegava, já vinha acompanhada de toda a criançada. Todos queriam ouvi-la contar tão lindas e tristes histórias (...)

Chegamos quando ela dizia:

-... e só com um risco que fez no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. Uns saíram dançando e cantando. Outros, aleijados por algum sinhô que não foi obedecido, só cantavam. Também bebida teve a rodo, pra quem gostasse e quisesse. (GUIMARÃES, p. 49)

Ao passar a ir à escola, a menina se depara com fatores discriminatórios devido ao enfrentamento de algumas situações embaraçosas ocorridas na escola, começando a entender certos receios familiares a partir das recomendações da mãe para se manter longe de brigas com os colegas para não ter que passar por humilhações.

[...] Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho antes de sair.

– Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – perguntei.

– Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela.

– Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e...

– Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase. (p. 48)

– Não briga com o Flávio no caminho que depois o pai dele conta pro Mariano. A corda rebenta do lado mais fraco e seu pai não gosta de ser chamado à atenção... (GUIMARÃES, p.52).

Tais conceitos sobre a negritude é capaz de fornecer uma ideia desfavorável para a construção da identidade negra na criança.

Conforme o argumento Bezerra (2009, p. 237), quando o conteúdo exposto em sala de aula, no que concerne à literatura afro-brasileira é apresentado de modo adequado, cria-se uma perspectiva positiva em relação aos negros, sendo assim, esses assuntos devem:

[...] garantir às crianças negras referenciais culturais relevantes à elevação da estima e construção da identidade étnica a partir da escola, compreendida como espaço de afirmação e não denegação. Na década de 1980, as iniciativas ganharam visibilidade, quando a revisão da historiografia sobre a escravidão assumiu espaço entre os pesquisadores das Ciências Humanas, deixou-se de lado a perspectiva de estudo do negro como escravo enquanto peça inserida na economia brasileira e passou-se a estudá-lo como sujeito histórico que resistiu a escravização.

Por esse ponto de vista, o ambiente escolar deve possibilitar aos alunos o conhecimento da diversidade cultural, étnica e racial que compõe o meio social, buscando rever no espaço escolar os antigos conceitos estigmatizantes com relação aos negros, tanto nos materiais didáticos quanto socialmente.

No caso de Geni, a personagem tem cada vez mais certeza e firmeza de sua decisão quanto a se tornar professora, mostrando dessa forma o valor do ser negro e sua capacidade de superar barreiras e dificuldades que tentam invisibilizar o cidadão negro na sociedade.

### **Considerações Finais**

A literatura afro-brasileira é um campo a ser (re) descoberto e desfrutado pelos leitores em todo seu âmbito e aspectos que pode ser culturais, históricos e sociais. Só dessa maneira, podem-se extrair conhecimentos e informações valiosas sobre esse recorte literário na sociedade brasileira, “mascaradamente” preconceituosa e racista. A priori por estereótipos e estigmatizações, que tenta colocar os personagens negros em papéis de objetos secundários e inferiores.

As obras analisadas são narrativas autobiográficas em que as autoras relatam fatos que ocorreram em suas vidas, levantando questões discriminatória e preconceituosa que tiveram de enfrentar por ser negra.

Com a análise do conto “pixaim” e o romance A cor da ternura pôde-se notar que as narrativas possuem traços semelhantes em relação ao discurso enunciativo étnico-racial das personagens, no que diz respeito à valorização identitária negra. Porém, percebe-se em “pixaim” que os personagens não são nomeados, dando a entender que não eram relevantes para o desenvolvimento do texto.

Já por outro lado, todos os personagens da narrativa de A cor da ternura eram nomeados, fazendo com que se tenha uma impressão positiva da mesma. Além disso, as narrativas propõe ao leitor uma postura de respeito e igualdade para com os negros na sociedade. Nesse sentido, as mães das protagonistas destacadas nas análises exerceram uma importante função social, tentando alertá-las para a convivência extrafamiliar e o olhar do outro, ou seja, da sociedade preconceituosa e racista com os negros.

A partir desse artigo, podemos notar que os personagens negros são destacados de modo a construir suas identidades. Sua relevância nas narrativas possibilita demonstrar o valor cultural e seus preceitos ancestrais, contribuindo assim para uma formação positiva no leitor. Nesse sentido, é necessário que esta literatura desde já estabeleça um elo condutor na

transmissão de conceitos positivos em relação à identidade negra e a relação étnico-racial existente entre o mundo fictício e a realidade, pois é através dessa ponte que se busca conscientizar o leitor da diversidade e pluralidade cultural em que se encontram inseridos socialmente. Portanto, com essa visão crítica abre-se um leque vasto de leituras que poderá encaminhar a literatura afro-brasileira de um modo geral para as salas de aulas, com propósito enaltecido de valores e conhecimentos imprescindíveis para todas as séries do ensino.

Enfim, com a tessitura do referido estudo, concluímos que as narrativas analisadas conseguem demonstrar positivamente uma complexa, mas ao mesmo tempo, valiosa construção da identidade negra na criança, conseguindo dessa forma alcançar uma concepção favorável em relação à consciência negra nos termos étnico-raciais relativos aos traços culturais africanos e afro-brasileiros.

## Referências

BEZERRA, Rosilda Alves. **Política de aplicabilidade da Lei 11.645/08**: os desafios da diversidade na educação básica e na formação de professores. . In: LIMA, Tania et al (Orgs.). **GRIOTS - Culturas africanas**: Linguagem, Memória, Imaginário. Natal: Lucgraf, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005.

ERIKSON, Erick. H. **Identidade, Juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Visibilidade e Ocultação da Diferença**: imagens de negro na cultura brasileira. *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANCISCO, Dalmir. **Comunicação, Identidade Cultural e Racismo**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Geni Mariano. **A cor da ternura**. Ilustrações Saritah Barbosa. – 9. Ed., São Paulo: FTD, 1994.

GUIMARÃES, Geni Mariano. Muito prazer em te conhecer! Disponível em: <<http://banhodeassento.wordpress.com/2010/09/07/geni-guimaraes-muito-prazer-em-te-conhecer/>>.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARIOSIA. Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. **A Influência da Literatura Infantil Afro-brasileira na Construção das Identidades das Crianças**. Londrina: Vagão-

volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011- ISSN 1983-1048, Estação Literária. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL>>.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RISO, Ricardo. “**Quase um caso de polícia**” – uma leitura crespa de alguns poemas de Cristiane Sobral, 2012. Disponível em: <<http://ricardoriso.blogspot.com.br>>.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático**. In: **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOBRAL, Cristiane. **Pixaim**. In: (Orgs.) RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. **Cadernos Negros: contos afro-brasileiros**. Vol. 28, São Paulo: Quilombhoje, 2005.

SOUSA, Jane Alves Bezerra. **A Lei federal 11.645/08 da teoria à prática: uma leitura do conto “Pixaim” em sala de aula**. In: LIMA, Tania et al (Orgs.). **GRIOTS Culturas africanas: Linguagem, Memória, Imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.